

Homenagem à Bertha K. Becker Sobre o Divino Brilho de uma Mente Inquieta

Tribute to Bertha K. Becker: The Divine Brilliance of an Avid Mind

Paulo César da Costa Gomesⁱ
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

O ano era 1977, o curso previsto era sobre a América Latina. Foi essa a primeira vez que a vi. Tudo fica, no entanto, um pouco ofuscado na lembrança pela potente marca deixada pela simples presença da “professora Bertha”, essa sim, fortemente impressa na memória. Tudo nela compunha um personagem: a voz, os vestidos sempre amplos para que pudesse negligentemente cruzar as pernas sobre a mesa, os óculos de variadas cores, os gestos quase teatrais, ajeitando o cabelo ou acendendo um cigarro e as máscaras faciais, tão explicitamente expressivas, que traíam a intenção de se apresentarem assim para não as levarmos muito a sério.

Foi para mim um encontro decisivo. O curso de Geografia imediatamente ganhou novas cores e interesse. Também outro sentido ganhou a ideia de uma aula na Universidade. A dinâmica do curso, sempre estruturado em forma de debates, a maneira de permanentemente colocar tudo em dúvida, de sempre engajar o outro por meio de perguntas que procuravam a aquiescência ou o contraponto – “Você não acha, não é?” Era uma espécie de Maiêutica provocadora. E ela parecia sempre pronta a recomeçar e, muitas vezes, quando não havia reações contrárias, ela mesma se incumbia de lançar dúvidas sobre o que tinha acabado de afirmar com convicção. Toda aula ou conversa, fosse sobre um assunto acadêmico ou pessoal, se transformava em um exercício de reflexão sobre um terreno movediço e instável. Por esse caminho, ela procurava chegar às ideias novas, gostava do desconforto da dúvida.

A originalidade também sempre foi um elemento cultivado e, por isso talvez, ela tenha aceitado orientar trabalhos que muitas vezes fugiam do padrão comum dos temas abordados pela Geografia e às vezes mesmo dos temas com os quais ela se ocupava. Esse foi o meu caso no Mestrado e quando eu procurava instituir um tom crítico, não sem uma ponta de competição com meus colegas, dizendo que ela só gostava de pessoas “esquisitas”, ela concordava como se isso fosse um elogio.

É preciso reconhecer que não fui o único a ser fortemente marcado pelo encontro com Bertha Becker. Ouvi muitos relatos da impressão impactante que ela exerceu e deixou sobre a vida e a carreira de muitos colegas, às vezes ajudando a definir direções que reorientaram definitivamente essas pessoas.

ⁱ Professor do Departamento de Geografia, pccgomes@yahoo.com.br

O raciocínio de Bertha tinha um brilho e uma vivacidade que nenhum texto ou registro que tenha deixado é capaz de inteiramente reproduzir. Ela era inquieta e tenaz. Tinha uma obstinação em problematizar, em perseguir um tema, uma questão. Gostava de construir sistemas e elencar pontos que anotava com a pequena caligrafia em folhas de papel que depois eram inteiramente picotadas e, posteriormente, os fragmentos colados em novas folhas, com novas emendas. Era muito trabalhadora e muito dedicada aos compromissos que assumia. Era, entretanto, também hedonista, nas reuniões em sua casa havia sempre a hora do café, a pausa que relançava logo depois o trabalho, mas no fim do dia aparecia o whisky e com ele a suspensão das tarefas e o momento onde brotava toda uma proximidade pessoal que não significava, no entanto, o abandono da vontade de perguntar, de questionar e de amenamente incomodar.

Foram assim muitas tardes e muitas conversas.

Evidentemente, há muitas outras formas possíveis de narrar os percursos de uma vida que foi preenchida por tantas atividades associada a tantos sucessos. Essa narrativa poderia tomar mesmo variadas direções. Novos sentidos seriam dados à trajetória da vida dela. Quando teve a oportunidade de escrever o memorial para o cargo de professora Titular do Departamento de Geografia da UFRJ, ela escolheu, por exemplo, a ideia do pioneirismo. Viu nos temas que estudou, nas áreas que escolheu e nas arenas pelas quais passou o traço fundamental de uma aventura que buscava o desafio do novo e a vertigem do desconhecido. Atribuiu isso à história da família, dos seus pais, migrantes vindos da Europa Central e da Rússia, desembarcados nessa estranha terra que os acolheu. Talvez por isso, por reconhecimento, Bertha tenha sempre mantido uma farta dose de otimismo e consagrado muita meditação aos assuntos que diziam respeito ao Brasil, sua organização política e produtiva.

Havia em todos os seus trabalhos uma ideia central, quase uma obsessão, o desenvolvimento nacional. Quando isso não aparecia de forma explícita, estava presente como pano de fundo, como sombra. Desde sempre essa ideia de desenvolvimento não se confundia para ela com o simples crescimento. A produção de riqueza e a geração de renda deveriam resultar no benefício do maior número possível de pessoas. Além disso, o desenvolvimento deveria ser concebido como um aproveitamento racional dos recursos de um território e colaborar para o equilíbrio entre as diferentes regiões. Reconhecemos esses traços desde os seus primeiros grandes projetos, inicialmente no Sudeste, na pesquisa sobre a bacia leiteira do Espírito Santo, depois com a Belém-Brasília em 1974 e na Amazônia desde então, com uma passagem pelo vale do Paraíba do Sul no começo dos anos 80.

O desenvolvimento ou a produção de riqueza para ela não deveria ser vista como uma ação que envolvesse poucas pessoas ou empresas. O desenvolvimento só teria significado positivo se fosse construído dentro de um quadro nacional. Nesse sentido, sua preocupação se filia às raízes mais profundas da economia política, na melhor tradição do desenvolvimento concebido como riqueza das nações (Montchrétien, Ricardo, Smith e Marx).

Não à toa, portanto, sua reflexão toma a forma de uma geopolítica. Sendo essa compreendida aqui como uma ação refletida e projetada de organização e gestão do território de um Estado e de sua relação com outros Estados. Por isso, segundo essa concepção, a geopolítica é uma reflexão que contempla diversas escalas espaciais e procura desvendar a coerência de diferentes programas e projetos públicos na condução de uma política territorial. Constitui também um tema que analisa criticamente o papel do Estado

em variados contextos históricos e reflete sobre a capacidade e os efeitos dos instrumentos postos em prática pelas políticas públicas para produzir uma ordem territorial que resulte em desenvolvimento.

A caixa de ferramentas utilizada por Bertha Becker para operacionalizar essas questões vieram da geografia política. Ela recorrentemente visitou a bibliografia geográfica clássica nesse campo: Friedrich Ratzel, Jean Gottmann ou Yves Lacoste foram, em diferentes momentos, fortes referências. Buscou, entretanto, também em outros autores não-geógrafos, como Gunnar Myrdal e John Friedmann sistemas de interpretação que contemplassem os processos de desenvolvimento em suas interações espaciais ou, alguns anos mais tarde, aqueles que fossem críticos destas relações como Henri Lefebvre e Immanuel Wallerstein.

Essa geografia política a conduziu para a construção de matrizes orientadoras de debates na área de planejamento regional e gestão do território. Nesse campo, suas preocupações eram muito amplas, indo das políticas públicas às ações estratégicas, da valorização da logística à discussão de novas tecnologias. Por meio desse amplo leque de debates Bertha Becker definitivamente abriu o diálogo com pesquisadores oriundos de muitas outras áreas de interesse.

Nesses diálogos, ela nunca perdeu de vista sua ancoragem na matriz territorial. Por isso, contribuiu tanto para difundir a imagem da Geografia como uma área do conhecimento relevante e útil na vida social. Sua eleição para a Academia Brasileira de Ciências e sua atuação na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência são provas inquestionáveis de que as fronteiras do reconhecimento de suas singulares competências se estendiam para áreas muito maiores do que o restrito ambiente acadêmico da Geografia. O reconhecimento dessa imagem positiva da Geografia produziu também como retorno o convite para que atuasse nas mais importantes instituições do Estado brasileiro. Durante muitos anos, por exemplo, ela deu aulas no Instituto Rio Branco, que forma os quadros da diplomacia brasileira e, por meio dessas aulas, certamente foi responsável pela divulgação da força e do mérito do raciocínio geográfico nesse importante segmento de funcionários de elite do Estado. Além disso, foi também por um longo período professora na Escola Superior de Guerra em um momento em que grande parte da doutrina política institucional era inspirada e ditada pelos militares.

Nos últimos anos, Bertha Becker veio progressivamente avançando para o campo mais direto da intervenção. Ela pensava que a análise e a crítica são muito úteis, mas podem sempre ficar refugiadas em um mundo protegido pela virtualidade, de algo que poderia ser sem se transformar em realidade. Por isso, para ela foi cada vez mais se tornando necessário enfrentar com coragem o risco da ação, da proposição. Assim, ela integrou, dirigiu e coordenou inúmeros grupos de trabalho, comitês e equipes e foi consultora em diversos programas e projetos para os Ministérios da Integração, do Meio-Ambiente, para a Secretária de Estado da União, entre outros.

Em síntese, objetivamente, a vida acadêmica de Bertha Becker foi muito rica: muitos projetos, cursos, pesquisas, consultorias, comitês, orientações, representações. Tudo é superlativo na vida dela, os quinze prêmios e honras que ela colecionou são uma eloquente prova disso.

Sem dúvida, ela foi uma das figuras mais representativas na articulação das ideias geográficas no Brasil, uma espécie de porta-voz da relevância e do interesse da espa-

cialidade junto aos outros campos do conhecimento. De fato, não apenas no Brasil. A vice-presidência da União Geográfica Internacional – UGI, os inúmeros convites para ministrar cursos na França, na Inglaterra, nos Estados Unidos, no México, no Japão, os capítulos de livros e artigos publicados nos mais prestigiosos periódicos internacionais, tudo isso colabora para dizer que Bertha Becker é uma das imagens mais fortes da Geografia Brasileira no exterior. Sou testemunha de que seu nome é comumente evocado quando colegas estrangeiros procuram referências na comunidade geográfica brasileira. Sou também testemunha de que em distantes anfiteatros fora do Brasil ela fazia o mesmo que fazia em suas aulas no Departamento de Geografia da UFRJ, ou seja, se mantinha fiel ao mesmo carisma, interpelava a plateia, transformava os ouvintes em interlocutores, fazia caretas e graça, em uma mesa-redonda da UGI chegou a criar uma pequena canção com o que se dizia e dançou, para surpresa e delírio dos participantes. Ela era assim. Deixava um rastro de brilho por onde passava. Um brilho que era produto da originalidade e da força de suas ideias, mas era também fortemente incrementado pela empolgação que a movia e pela sedução que a habitava.

Por isso, quando surgiu uma oportunidade de homenageá-la em 2009, eu sugeri a expressão “divina” e expliquei que utilizava esse adjetivo não segundo uma acepção próxima daquelas divindades absolutas e implacáveis, características das grandes religiões monoteístas. Queria recuperar esse qualificativo “divino” dentro de uma concepção de divindade do tipo olímpica. Segundo Ferry, a etimologia da palavra “teoria” é em grego “eu vejo o divino” (*ta theia orao*) e para os estoicos a contemplação daquilo que é o divino funda toda a ciência do cosmos¹. Nas diferentes aventuras mitológicas legadas pela Antiguidade Greco-romana, as divindades são personagens paradoxais, são atravessadas por muitas emoções e vontades, altivas, mas próximas, extraordinárias, mas também comuns. Tão banais que chegam a ser simplesmente humanas. Só não o são completamente pois têm poderes, têm brilho. Elas frequentam assiduamente a vida cotidiana e intervêm displicentemente no curso dela. A deusa da discórdia estava sempre muito presente, nas guerras, mas também nas ações mais comuns e diárias, onde quer que houvesse conflitos e enfrentamentos. Também Hermes, por exemplo, impunha rotineiramente pequenos momentos de silêncio à sua passagem.

Bertha não era silenciosa, muito ao contrário. Digamos que seus poderes se expressavam quando fazia das questões geográficas um campo de debates, livre e aberto, quando impunha que pensássemos e que reagíssemos.

Por isso, nesse número especial da revista consagrada à sua homenagem, optei por não fazer um artigo que ofereceria à sua memória, como é o hábito mais usual nos rituais acadêmicos. Acredito, ou melhor, tenho a certeza de naquilo que me diz respeito, sua marca está e estará presente em tudo aquilo que de mais luminoso possa aparecer na geografia que fazemos.

Recebido em: 15/12/2013

Aceito em: 28/12/2013

¹ Ferry, Jules (2006) *Apprendre à vivre. Traité de philosophie à l'usage des jeunes générations*, Plon, Paris, p.35.